Revista Poíesis Pedagógica

Ano 2024 – Jan./Dez.
Volume 22, e2024001
Páginas 1–14
ISSN 2178–4442
doi 10.69532/2178-4442.v22.74811

Artigo Original

Ancestralidade e Pertencimento dando corpo às práticas didáticas pretagógicas no espaço escolar

Ancestry and Belonging giving shape to pretagogical teaching practices in the school space

Ascendencia y Pertenencia dando forma a prácticas de enseñanza pretagógicas en el espacio escolar

Lúcia Maria da Silva[1]
Universidade Federal do Ceará

Cláudia de Oliveira da Silva[2]
Universidade Federal do Ceará

Samuel Morais Silva[3]
Universidade Federal do Ceará

Resumo

Este artigo é fruto de três pesquisas pretagógicas em andamento no curso de doutorado na Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará - UFC. Tem como propositura outros caminhos didáticos contra-coloniais (Santos, 2023) para a educação das relações étnico-raciais no espaço escolar. A ação aqui é invocar e encarnar no exercício docente e no corpo-currículo, práticas pretagógicas comprometidas especialmente com o tema da ancestralidade e pertencimento enquanto possibilidades de reinvenção de seres que foram assolados pelo colonialismo. Quanto à metodologia, ela é pensada a partir de uma abordagem qualitativa, fruto de pesquisas-interventivas, tendo como referencial teórico-metodológico-filosófico a Pretagogia (Petit, 2015). Os resultados e discussões mostram como os princípios e conceitos operatórios da Pretagogia, em especial a ancestralidade e o pertencimento potencializam as experiências escolares, ressignificando o percurso ancestral dos(as) educandos(as) e professoras(es) situadas(os) em territórios urbanos ou rurais.

Palavras-chave: Ancestralidade. Pertencimento. Pretagogia. Corpo-Currículo.

Abstract

This article is the result of three ongoing pretagogical research in the doctoral program at the Faculty of Education of the Federal University of Ceará - FUC. It proposes alternative counter-colonial didactic pathways (Santos, 2023) for the education of ethnic-racial relations in the school setting. The aim is to invoke and incarnate pretagogical practices in the teaching practice and in the curriculum-body that are particularly committed to the theme of ancestry and belonging as possibilities for reinvention of individuals that were ravaged by colonialism. As for the methodology, it is designed from a qualitative approach, the result of interventional research, using Pretagogy as a theoretical, methodological and philosophical reference (Petit, 2015). The results and discussions demonstrate how the principles and operational concepts of Pretagogy, particularly ancestry and belonging, enhance school experiences, giving new meaning to the ancestral journey of students and teachers situated in urban territories or rural.

Keywords: Sollicitudin; Dermentum; Consectetur; Adipiscing; Malesuada.

1 Doutoranda em Educação pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Graduada em História pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Pedagoga pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Professora da Rede Municipal de Educação de Russas -CE. Mulher Negra. E-mail: luciasilva2010@yahoo.com.br.

2 Doutoranda em Educação pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Mestra em Educação pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Especialista em Formação de Professores de Quilombo pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Professora da rede pública de Caucaia – CE. Mulher quilombola. Pesquisa sobre aquilombamento do currículo de escolas quilombolas no Ceará. E-mail: claudia.quilombola13@gmail.com.

3 Doutorando em Educação pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Mestre em Educação pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Pedagogo pela Universidade Regional do Cariri (URCA). Especialista em Gestão Escolar pela URCA. Homem negro. Professor da rede municipal de Crato – CE. E-mail: samuelprojetocariri@gmail.com.

CC BY

OPEN ACCESS

Resumen
Este artículo es el resultado de tres investigaciones pretagógicas en curso en el curso de doctorado de la Facultad de Educación de la Universidad Federal de Ceará - UFC. Propone otras vías de enseñanza contracoloniales (Santos, 2023) para la educación de las relaciones étnico-raciales en el espacio escolar. La acción aquí es invocar y encarnar en la práctica docente y en el cuerpo-curriculum, prácticas pretagógicas comprometidas especialmente con el tema de la ascendencia y la pertenencia como posibilidades de reinvención de seres asolados por el colonialismo. En cuanto a la metodología, está diseñada desde un enfoque cualitativo, resultado de una investigación intervencionista, utilizando la Pretagogía como referente teórico-metodológico-filosófico (Petit, 2015). Los resultados y discusiones muestran cómo los principios y conceptos operativos de la Pretagogía, especialmente ascendencia y pertenencia, potencian las experiencias escolares, dando un nuevo significado al camino ancestral de estudiantes y docentes ubicados en territorios urbanos o rurales.
Palabras clave: Ascendencia. Pertenencia. Pretagogía. Currículum corporal.

1. Introdução

Reivindicamos como abertura de caminhos para essa travessia textual os dizeres da educadora Fátima Freire (2008, p. 30), "quem educa marca o corpo do outro." Tal afirmativa inicial é aqui invocada para nos fazer lembrar que devemos compreender a profissão docente como um exercício humano de imortalidade. Ao professorarmos deixamos fatalmente nossa existência marcada no corpo do outro através do processo de ensino e aprendizagem (Meijer, 2019).

Ser imortalizado nos traz uma responsabilidade imensa, porque implica no impacto que nossas práticas pedagógicas terão no ser humano que nossos(as) educandos(as) serão (Meijer, 2019). Assim, nos cabe, a partir do diálogo com as presenças e vivências pedagógicas na ambiência escolar, atarmos respostas responsáveis e ações comprometidas com a vida humana.

Nesse sentido, a proposta desse estudo abre caminhos e aponta outros horizontes no espaço escolar sobre a Educação para as Relações Étnico-Raciais, no intuito de possibilitar suporte pedagógico aos professores(as) sobre a temática da ancestralidade e do pertencimento, intentando marcar não só o corpo, mas a vida daqueles(as) que, assim como nós, autoras e autor desse texto, passaram pela experiência do esquecimento da nossa ancestralidade e do senso de pertencimento propagado, sobretudo, pelo colonialismo (Rufino, 2018) que ainda assola o corpo, a alma e a identidade de muitos(as) educandos(as) e professores(as).

Assim, sendo este texto uma escrita que deseja marcar o corpo docente/discente e o corpo-currículo, apresentamos experiências formativas realizadas no âmbito de pesquisas-pretagógicas em andamento no curso de doutorado na Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará – UFC, que são aqui invocadas para nos fazer lembrar que outros caminhos contra-coloniais são possíveis.

Dessa forma, o objetivo geral é contribuir para uma educação antirracista através de práticas pedagógicas fundamentadas nos princípios e conceitos operatórios da Pretagogia. Para tanto, os específicos se desdobram em: i) tecer diálogos formativos sobre a ancestralidade e o senso de pertencimento a partir de práticas pretagógicas com professores(as) de três escolas municipais do estado do Ceará; ii) invocar, por meio de estratégias metodológicas, produtos didáticos específicos que contribuam para subsidiar os(as) docentes no trato do ensino para educação das relações étnico-raciais.

A metodologia dessas pesquisas-intervenções se desenvolve fundamentada nos Conceitos Operatórios da Pretagogia (Petit, 2022). Os resultados e discussões mostram como os princípios e conceitos operatórios da Pretagogia, em especial a ancestralidade e o pertencimento de mundo potencializam as experiências escolares, ressignificando o percurso ancestral dos(as) educandos(as) e professores(as) situados(as) em territórios urbanos ou rurais.

2. Metodologia

Esta sessão apresenta relatos de experiências pretagógicas realizadas pelas autoras e pelo autor em municípios cearenses. Cláudia de Oliveira da Silva, expõem suas experiências formativas com a escola quilombola Luzia Maria da Conceição em Três Irmãos Croatá – CE. A pesquisadora Lúcia Maria da Silva, apresenta relato de experiências de formação de professores(as) e intervenções pretagógicas com alunos(as) da escola municipal Ciríaco Leandro Maciel, em Russas – CE e Samuel Morais Silva, descreve sua experiência formativa com educadores(as) da escola São Francisco em Crato – CE. Todas as experiências fazem parte das pesquisas de doutorado que estão em andamento na Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará.

2.1. Relato de experiência pretagógica 1: Um Corpo-Curricular Aquilombado em Construção: sentidos, significações e práxis

Para pensar/produzir um currículo aquilombado é necessário optar por uma pedagogia que se aproxime dos sentidos e significados que as filosofias de base africana defendem. São esses significados que fazem a diferença entre os saberes sistematizados/oficiais e os saberes tradicionais presentes nas vivências, memórias e histórias das comunidades negras e quilombolas. Nesse sentido, Cláudia, quilombola, uma das autoras deste texto, tem aquilombolado o currículo de uma escola pública situada em um território quilombola na sua pesquisa de doutorado com base na Pretagogia.

A Pretagogia valoriza o corpo humano como instrumento de produção de conhecimentos e esse conceito perpassa diversas lutas e resistências. Pensar o corpo como instrumento de aprendizagem e produtor de saberes é uma forma de reconhecer a complexidade do nosso organismo com seus múltiplos sentidos e trazer o corpo como metáfora para pensar o currículo mais humanizado, complexo e significativo, de modo a oportunizar amplas reflexões didáticas.

As reflexões filosóficas, fundamentadas na Pretagogia para pensar educação, despertou em nós a necessidade de refletir o corpo-currículo, inspirado em uma conceituação mais humanizada da educação para a escola quilombola. Um corpo-currículo traz em seu repertório a compreensão de um todo integrado, sem fragmentação dos sentidos, das memórias, dos saberes e das identidades. O corpo é objeto de múltiplas ciências (Santin, 1989), portanto não daremos conta de seu aprofundamento, mas aqui o trazemos como um elemento inspirador para pensar um currículo aquilombado de infinitas possibilidades.

Esse esforço precisou acontecer para que pudéssemos interpretar a educação numa constante construção, no contexto de sensibilização, conhecimento científico, sustentado nos valores sócio-históricos, culturais, consciência crítica, política e heterogênea. O Corpo-currículo possui como referência o conceito filosófico de ser articulado, flexível, comunicativo, consciente, afetivo, sensível, criativo, processual, cosmológico, objetivo, subjetivo, visionário, vivencial e outros.

Nessa perspectiva filosófica foi que iniciamos a Roda de Conversa Formativa na Escola Quilombola Luzia Maria da Conceição localizada na comunidade quilombola Três Irmãos, em Croatá – CE. Levando em consideração que o corpo humano é um organismo complexo, foram feitas as seguintes comparações metafóricas: o corpo foi comparado ao currículo; aos sistemas e às áreas de conhecimento; aos órgãos e aos componentes curriculares; às células, aos conteúdos escolares, à vida do organismo, e à aprendizagem.

As práticas metodológicas foram chamadas de Mandalas de Aprendizagem, pela ligação interdisciplinar, como um mapa com ponto de partida e possibilidade infinita de crescimento/aprendizagem. Diferentes povos conceituam a mandala como um elemento espiritual milenar de ligação do homem ao cosmo (tudo está interligado), a luta pela unidade do eu superior (ser essencial), conexão do corpo com a mente num protagonismo equilibrado de emoção e razão, expansão e consciência. Assim, o currículo é pensado como um organismo complexo, articulado e circular.

Tendo o corpo humano como referência, obtivemos um rabisco no papel que significou mais do que aparentemente vemos, pois ele é o testemunho vivo da energia vital representada por uma membra herdeira da história e cultura local. A partir da marca viva da comunidade quilombola Três Irmãos e irradiados(as) pela energia ali presente, a inspiração tomou conta das pessoas para imaginarem o que chamamos de Corpo-Curricular Aquilombado, demonstrando as múltiplas possibilidades de diálogos e práticas pretagógicas que se manifestam a partir do conceito metafórico.

Indagamos: se o currículo fosse um corpo humano, como seria e o que ele teria? Essa pergunta inicial foi o bastante para que as pessoas da comunidade imaginassem as inúmeras possibilidades para pensar/construir um currículo mais humanizado, flexível, afetivo e diverso, integrando funções, relações, conteúdos e sentimentos.

As vozes da comunidade ecoaram num imaginário fluente e próspero em resposta à indagação inicial (Trecho das falas das pessoas da comunidade quilombola Três Irmãos - 29/07/2024):

- Teria expressão, porque o corpo todo fala; (a palavra foi colocada nas mãos); a linguagem gestual/corporal/expressiva;
- Interação do corpo curricular como organismo;
- Articulações: o currículo precisa ser articulado com os conteúdos, projetos, pesquisas, convivência e instituições;
- Ingerir e digerir: ingerir os saberes da comunidade, adquirir conhecimentos e digerir em metodologias e aprendizagens;
- Disposição, energia - as pessoas utilizam a roda para rituais de agradecimento e força;
- Sincronicidade - comunicação entre os órgãos - no currículo é fundamental que os órgãos/componentes se relacionem para que o sistema tenha a sincronicidade.

Trazendo a fotografia como dispositivo para ampliação de concepções e produções de conhecimentos, é que demonstramos a riqueza de detalhes nesta produção.

Momento da produção do corpo-currículo.



Fonte: Arquivo da autora.

A comunidade bem representada por seus membros de faixa etária diversa como mostra a fotografia acima, sendo representações de professores(as), gestores(as), lideranças locais, universitários(as), mestres tradicionais, crianças, agricultores, mezinheiras e rezadeiras, permitiu um diálogo intergeracional do ponto de vista de cada pessoa e por isso não passou despercebida a temática da avaliação escolar.

A visão do Corpo-Currículo propõe um olhar sensível às problemáticas do racismo e sobretudo às potencialidades da negritude e sua valorização, enquanto, a audição, terá uma escuta ativa, proporcionando acolhimento.

Na perspectiva da Lei 10.639/03 que trata da obrigatoriedade do ensino da história e cultura afro-brasileira no currículo escolar, é legítima a reivindicação da inclusão de conteúdos que tratam de forma valorativa, das contribuições da população negra nas áreas social, econômica, política e científica na educação formal. Nesse viés de uma educação emancipadora e antirracista faz-se necessário e urgente o trabalho de formação de professores(as) e gestores(as) para contribuir com uma prática pedagógica adequada, capaz de promover um aprendizado prazeroso e uma avaliação qualitativa/formativa e processual.

Segundo, os relatos de pais e profissionais, as avaliações nas escolas são realizadas linearmente, utilizando-se de critérios que não condizem com a realidade dos(as) educandos(as), tão pouco, promovem seu empoderamento e senso de pertencimento. Não que essa fala leve à defesa do esvaziamento do currículo, pelo contrário, o que se pretende é que os(as) educandos(as) quilombolas tenham acesso aos conteúdos de base comum, mas com a devida relação aos seus valores e saberes ancestrais.

Proporcionar uma avaliação competitiva em que uns ganham prêmios de destaque e outros são constrangidos por não alcançar o "nível" esperado, pode acarretar muitos prejuízos ao desenvolvimento do(a) educando(a). Esse retrato de avaliação de larga escala reproduzido no Brasil, tem impactado negativamente a todos(as) os(as) educandos(as) e principalmente aos quilombolas que se distanciam cada vez mais de suas raízes. Em uma escola quilombola espera-se que a avaliação seja formativa/qualitativa, considerada um meio e não um fim da aprendizagem.

Como se identificar com uma educação que não apresenta as potencialidades da população negra e quando realizada é minimizando a importância dos conhecimentos de base africana?

Há um deslocamento histórico dos conhecimentos africanos na sociedade brasileira que interfere diretamente na intenção, que é o currículo sistematizado nas escolas.

Essa é uma reflexão pertinente para quando se pensa um currículo aquilombado. Ele acontece desde quando a criança acessa a escola e leva em consideração todos os espaços e ações pedagógicas, não somente as práticas dentro da sala de aula, mas o acolhimento, receptividade, escuta ativa e olhar sensível à criança como um ser que sente e aprende a cada instante.



Fonte: Cdors (2024)

Como exemplo de conteúdo didático sugerimos trabalhar pedagogicamente com a temática da carnaúba, árvore-símbolo do Ceará, planta nativa do Nordeste brasileiro, com predominância na comunidade quilombola Três Irmãos, muito utilizada pelos(as) moradores(as) de diversas formas. É considerada pelas pessoas da comunidade como símbolo de resistência, uma espécie de mãe vegetal que se doa completamente, assim como o baobá africano.

É utilizada em artesanatos, medicina alternativa, construção de casas e muitas outras serventias. Também foram ressaltados os usos industriais, exportação, globalização, identificação dos lençóis freáticos pela presença da carnaúba e sua importância na economia e tecnologias. Destacamos assim, a importância de um currículo vivo, no qual os(as) educandos(as) têm na prática de suas vidas os elementos reais que podem ser associados aos conteúdos de ensino comum.

2.2. Relato de experiência pretagógica 2: A Ancestralidade promovendo o conhecimento na estrada da diversidade

A pesquisadora Lúcia Maria da Silva, também autora deste ensaio, realizou formação de professores(as) e intervenções com educandos(as) do Ensino Fundamental – Anos Finais da Escola Ciríaco Leandro Maciel - Distrito do Peixe – Russas – CE. O referencial teórico-metodológico utilizado foi a Pretagogia, que aborda teorias filosóficas que atravessam as tradições africanas e os estudos embasados em autores(as) que refletem as africanidades.

Nessa perspectiva, a Pretagogia propõe em sua essência, que a Pedagogia atualize seus princípios nas culturas afro-brasileira e afrodiaspóricas, tendo como princípios os seguintes fundamentos segundo uma de suas criadoras, a professora Sandra Petit, (2016):

- O autorreconhecimento afrodescendente;
- A tradição oral;
- A apropriação dos valores das culturas de matriz africana;
- A circularidade;
- A religiosidade de matriz africana entrelaçada nos saberes e conhecimentos;
- O reconhecimento da sacralidade;
- O corpo como produtor espiritual, produtor de saberes;
- A noção de território como espaço-tempo socialmente construído;
- O reconhecimento e entendimento do lugar social atribuído ao negro.

Ainda temos os conceitos operatórios, que são processos iniciáticos expansivos da Pretagogia na busca de novas conexões ou exploração de terrenos ainda não visitados, que nos ajudam a ler e interpretar de modo interventivo a nossa própria realidade étnica/racial, e assim, encontrar lugar na sociedade, na história, na universidade, na escola e em nós mesmos (Santos, 2023), a partir dos seguintes conceitos: *Pertencimento; Espiritualidade; Ancestralidade e Transversalidade* (Petit, 2022).

Assim, amparados nos conceitos da Ancestralidade e Pertencimento, utilizamos para a formação de professores(as) e intervenções pretagógicas com os(as) educandos(as), as obras paradidáticas: *Baú Ancestral: História de Bisavó* (Matos, 2018*) e Com Qual Penteado Eu Vou?* (Oliveira, 2021).

Ressaltamos que estas obras estão em consonância com as competências da Base Nacional Comum Curricular – BNCC, que trazem em seu bojo curricular os temas autoestima, negritude, ancestralidade, respeito, família, amizade, representatividade e diversidade. Estas temáticas circulam pelas competências dos componentes da Língua Portuguesa, História, Geografia, Ensino Religioso e Artes.

Para o desenvolvimento das formações e intervenções pretagógicas, tivemos como objetivos, proporcionar os conhecimentos das histórias dos ancestrais das crianças, jovens e adolescentes; promover o senso de pertencimento, a autovalorização e autoestima e despertar a importância dos valores que promovam as relações respeitosas na sociedade e que gerem respeito às diversidades humanas.

Assim, estas atividades buscam despertar nos(as) educandos(as) o respeito pela diversidade dos cabelos, penteados, bem como os valores que devemos cultivar para o bem viver em comunidade e na família. Cada criança ofertou ao bisavô não um presente material, mas uma virtude, tais como respeito, amizade, lealdade, amor, entre outras que devem ser cultivadas entre as pessoas.

Trabalhamos com o livro Baú Ancestral: História de Bisavó, da seguinte forma: após a leitura da história, promovemos uma conversa, em que ressaltamos a história dos nossos ancestrais, as histórias das nossas avós e dos nossos avôs, bisavôs e bisavós. Mostramos que cada um tem uma

história ancestral que é importante e que devemos ouvir para aprender com eles(as) as diversas formas de luta, resistência e os valores que formam o nosso senso de pertencimento no mundo.

Realizamos ainda, como complemento da atividade, questionamentos convidativos como: seus avós têm baús em casa? O que elas e eles guardam? Na história, a avó guardava o que em seu baú? Indagamos outras questões: vocês são Baús? O que vocês guardam? Por fim solicitamos que eles(as) sentassem com suas avós e seus avôs e perguntassem sobre suas histórias de vida, suas cantigas de ninar, suas lutas e suas vitórias e que fizessem o registro escrito e fotográfico. Esses registros servirão de fonte para a produção didática a ser escolhida através de um gênero textual e que será feito em equipes em outro momento da pesquisa de doutorado.

Como culminância propusemos aos educandos(as) que conversassem com seus avós, bisavós, pais, mães e fizessem registros de suas histórias para serem compartilhadas na sala. E assim, a aula seguinte foi sobre as histórias de vida de seus(suas) ancestrais. Os relatos dessa intervenção pretagógica encantada constam no tópico adiante sobre os resultados e discussões.

2.3. Relato de experiência pretagógica 3: Pai Francisco de Xangô: elo ancestral tecendo narrativas viventes sobre o terreiro no chão redondo da escola e promovendo o senso de pertencimento e valorização da ancestralidade.

Chão redondo com Pai Francisco de Xangô.



Fonte: Arquivo do autor, 2023.

Pai Francisco de Xangô, como é conhecido, é uma biblioteca discursiva, uma memória ancestral viva, dono de uma nobreza espiritual inconfundível. Inspiração para o Orí[4] de Samuel, que também é filho de Xangô e coautor deste texto. O líder religioso também é rezador e curador sábio, revolucionário em palavras e atitudes.

4 Sendo relacionado ao Orixá dos ritos do fogo e da justiça, Xangô é quem rege a minha cabeça e neste trabalho sopra o fogo pela boca, na tentativa de queimar o projeto colonial assente nas formações docentes eurocentradas.

Aproximou-se naquela manhã de terça-feira na escola São Francisco, campo de estudo da pesquisa de doutoramento do citado coautor, o pai-de-santo, que bateu a cabeça no chão da entrada da instituição, no mais nobre respeito e reconhecimento ancestral ao chão sagrado, o suficiente para encher os olhos de qualquer pessoa de emoção.

Tocou o chão, como num afago, bateu a cabeça e, tocando o próprio corpo, proferiu palavras secretas, para dentro dele mesmo e do ambiente pedagógico que pisava, enquanto tornava-se mais um elo entre a ancestralidade e o chão sagrado que calcava.

A partir da fala do líder religioso e de outras formas de comunicação do corpo, o pai-de-santo instigou os(as) discentes e docentes a perceberem a oralidade como forma de comunicação e sabedoria ancestral que é passada de geração a geração, por isso é tão importante internalizarmos essa valiosa pedagogia oral nos currículos escolares a partir dos(as) mestres(as) da cultura negra, bem como das lideranças religiosas.

Dando continuidade à prática pretagógica, o líder religioso realizou uma saudação aos ancestrais, sob a condução de um ponto cantado para os(as) orixás. Na sequência, passamos para o chão redondo com Pai Francisco de Xangô, instigando a comunidade escolar a refletir sobre as comunidades tradicionais de terreiros, onde ele riscou os seguintes pontos:

- O que é um terreiro de Umbanda?
- Chegando ao Brasil escravizados, sobretudo a partir do século XIX, os iorubás trouxeram para cá o culto aos Orixás. Quem são os Orixás?
- O culto aos orixás apresenta-se em diversas umbandas articulado também a conexões estabelecidas entre eles(as) e os(as) santos(as) do catolicismo. Quem é Oxóssi, Ogum, Xangô, Iemanjá e Iansã na igreja católica? Além deles(as), quem é Exu, Oxum, Nanã, Obaluaiê/Omolu, os ibeji e Oxalá?
- Qual a relevância de um Babalorixá e uma Ialorixá?
- O que vocês sabem sobre o uso dos adereços, das vestimentas, das guias no pescoço, braço, entre outros elementos ancestrais que compõem o corpo de muitos(as) umbandistas?
- Qual a importância do tambor em uma casa-de-santo?
- Por que associam as religiões de matrizes africanas à macumba? O que é macumba?
- Quais são os valores ancestrais presentes nos terreiros que fazem parte de nossa trajetória familiar e comunitária?

Ainda sobre a temática da ancestralidade e senso de pertencimento de mundo com base na Pretagogia, o líder religioso instigou o grupo a refletir acerca da sacralidade do corpo de um pai e mãe-de-santo a partir das movimentações de energias sacralizadas com os(as) ancestrais desde a vestimenta deles(as) à oralidade, estimulando os(as) educandos(as) e professores(as) a refletirem sobre o respeito aos mais velhos nas casas de axé, o senso de responsabilidade de quem visita uma casa-de-santo, o compromisso com o terreiro, a convivência afro-comunitária existente nas casas de axé, entre outras dimensões espirituais.

Ao fim e ao cabo, Pai Francisco de Xangô apresentou vivências afro-comunitárias do dia-a-dia associando-as aos terreiros de Umbanda, ademais deu exemplo de práticas culturais de terreiros enraizadas em diversas situações do nosso cotidiano que estão relacionadas à ancestralidade e senso de pertencimento de cada um(a).

Como exemplo de conteúdo didático pensamos na produção dos(as) Orixás com a turma de um dos professores participantes da pesquisa de doutorado. Além do produto didático, culminamos com uma contação de história teatralizada pelo próprio professor, utilizando-se da oralidade aprendida com os(as) antepassados(as), como valor a considerar nas práticas pedagógicas escolares e práticas educativas nos terreiros. Abaixo apresentamos a confecção do produto didático, bem como a contação realizada pelo docente, que despertou as afro-memórias de outros docentes e discentes a partir da história de cada Orixá.

Educandos(as) com o produto didático. Professor realizando a contação de história





Fonte: Arquivo do autor, 2023.

3. Resultados e Discussões

Com base nessas práticas pretagógicas assentes em uma escola quilombola e duas escolas regulares de ensino, elencamos, como primordial deste ensaio, trazer os relatos encantados dos(as) educandos(as) e professores(as) que estão ligados(as) diretamente às pesquisas.

Consideramos falas potentes propagadoras da ancestralidade e do pertencimento. Na experiência realizada por Lúcia Maria da Silva, ao fazer os relatos, era visível a alegria, o contentamento dos(as) educandos(as) por terem realizado a referida atividade. Em seus discursos, frisavam a atividade desenvolvida como importante por terem sido incentivados(as) a conversar com seus(suas) mais velhos(as) e que eles(as) ficaram também muito contentes por terem sido lembrados para falar um pouco de suas histórias. Vejamos:

> *Quando minha mãe era pequena morava numa casa muito simples, na casa não tinha luz, não tinha geladeira porque no bairro não tinha luz, minha mãe estudou até o 8º ano, os alunos iam para escola a pé, porque não tinha ônibus. Nesse tempo não existia água encanada nas casas, não existia celular. A casa era iluminada com lamparina, a água era carregada de jumento, lavava roupas no rio, lagos e apanhava feijão no roçado e depois ia pro colégio. Ela contou que a vida de antigamente era muito difícil, em 1989 ela tinha 10 anos, mesmo sendo simples era feliz (Maryelle Brito, 5º ano).*

Vejamos outro relato, intitulado de lembranças de antigamente feito por Emanuelle a partir da conversa que teve com sua avó: “Minha avó disse que por muitos anos para lavar roupas iam para os açudes, pois não existia água encanada e nem máquina de lavar roupas e que foi nos açudes que ela e suas irmãs aprenderam a nadar” (Ruth de Sousa, 5º ano).

Após a partilha das histórias de cada criança, fizemos comentários sobre a importância das conversas com seus e suas ancestrais. Destacamos que elas(es) devem sempre conversar com seus

parentes para conhecerem mais sobre a história de seus mais velhos e que eles estarão aprendendo sempre, uma vez que os mais velhos têm experiência, pois já enfrentaram muitas dificuldades, como eles mesmos relataram em seus escritos.

Ao término das atividades de intervenção, fizemos a culminância das atividades para todo corpo discente da escola, onde reunimos todos(as) na quadra esportiva e expusemos os produtos didáticos produzidos por eles e elas. Alguns trabalhos de poesia, conto, desenhos, entrevistas foram apresentados pelos seus autores.

Educados na culminância dos trabalhos





Fonte: Arquivo da autora, 2024.

Para homenagear suas ancestralidades, realizamos imagens fotográficas das mulheres matriarcas da comunidade, as quais foram expostas na quadra, onde os netos e bisnetos delas ao passear pelo espaço da exposição demonstravam alegria e orgulho de verem suas avós sendo homenageadas pela escola.

Matriarcas do Distrito do Peixe







Fonte: arquivo da autora, 2024.

Ao finalizarmos as atividades com as obras citadas, percebemos nos estudantes o interesse em falar sobre seus avós e o que aprendem com eles. Ressaltamos assim, a importância de conviver com nossos mais velhos para que possamos ter orgulho de quem somos e do nosso senso de pertencimento no mundo.

Sendo este um espaço de resultados e discussões, com seu gingado e ousadia ancestral, Samuel Morais, traz algumas falas de professoras e professores que consideramos extremamente relevantes na formação docente dos(as) educadores(as) envolvidos(as) na sua pesquisa-pretagógica. Como por exemplo, nas vozes de um professor: "eu sou de terreiro, mas nunca me senti à vontade para falar da minha religião e dos meus ancestrais aqui na escola" (professor de artes). Uma professora de história: "Esse encontro me marcou tanto, ver filho e pai juntos contando a história de vocês e da ancestralidade, pode ter certeza que muitos alunos que tinham vergonha de dizerem que são de terreiro, vão se fortalecer depois da roda de conversa de hoje" (professora História). Em um terceiro depoimento, a voz da coordenadora: "Que partilha forte foi a do líder religioso falando das ancestralidades presentes nos cotidianos das comunidades de terreiros e do orgulho que ele tem de si e da história dele." (coordenadora).

4. Considerações finais

As experiências Pretagógicas deste ensaio invocam o professorado a encarnar no exercício docente e no corpo-currículo, práticas Pretagógicas comprometidas com o tema da ancestralidade e pertencimento enquanto possibilidades de reinvenção de seres que foram assolados pelo colonialismo.

Temos total convicção de que muito ainda falta para que esse seja um objetivo solidamente conquistado no espaço escolar sobre a Educação para as Relações Étnico-Raciais, uma vez que há um deslocamento histórico dos conhecimentos africanos na sociedade brasileira que interfere diretamente no currículo sistematizado.

No entanto, ao longo das nossas pesquisas, estamos investindo na progressiva solidez de práticas Pretagógicas afrorreferenciadas e, por conseguinte, no currículo escolar.

5. Referências

MATOS, Patrícia **Baú Ancestral: Histórias de Bisavó**. Ed. SEDUC. Fortaleza. 2018.

MEIJER, Rebeca de Alcântara e Silva. A formação docente afrocentrada da UNILAB: o saber docente ancestral no ensino de didática nos países da integração. **Debates em Educação**, [S. l.], v. 11, n. 23, p. 598–611, 2019. DOI: 10.28998/2175-6600.2019v11n23p598-611.

OLIVEIRA, Kiusam, **Com qual Penteado eu vou?** 1ª ed. São Paulo. Editora Melhoramentos. 2021.

PETIT, Sandra Haydée. Práticas Pedagógicas para a Lei Nº 10.639/2003: Criação de Nova Abordagem de Formação na Perspectiva das Africanidades. **Educ Foco.** V.21, Nº 3, p.657-684, set/dez 2016.

Projetos Pedagógicos. **Com qual Penteado eu vou?** São Paulo: Editora Melhoramentos. 2016.

RUFINO, Luiz. **Pedagogia das Encruzilhadas.** Rio de Janeiro: Mórula Editorial,2019.

SANTIN, Silvino. Uma busca da filosofia do corpo. **Kinesis**, 5 (1): 63-90 - jan-jul/1989.

Como citar – ABNT

SILVA, Lúcia Maria da; SILVA, Cláudia de Oliveira da; SILVA, Samuel Morais. Ancestralidade e Pertencimento dando corpo às práticas didáticas pretagógicas no espaço escolar. **Revista Poíesis Pedagógica**, Catalão/GO, Brasil, v. 22, e2024004, mês, 2024. https://doi.org/10.69532/2178-4442.v22.74811

Como citar – APA

Silva, L. M. da., Silva, C. de O. da., & Silva, S. M. (2024). Ancestralidade e Pertencimento dando corpo às práticas didáticas pretagógicas no espaço escolar. *Revista Poíesis Pedagógica*, *22*, e2024004. https://doi.org/10.69532/2178-4442.v22.74811

Apêndice – Informações sobre o artigo

Histórico editorial
Submetido: 15 de outubro de 2024.
Aprovado: 11 de novembro de 2024.
Publicado: 21 de novembro de 2024.

Conflito de interesse
Nada a declarar.

Declaração de disponibilidade de dados
Todos os dados foram apresentados/gerados no presente artigo.

Contribuição dos autores
Resumo/Abstract/Resumen: Lúcia Maria da Silva, Cláudia de Oliveira da Silva e Samuel Morais Silva; **Introdução ou Considerações iniciais:** Lúcia Maria da Silva, Cláudia de Oliveira da Silva e Samuel Morais Silva; **Referencial teórico:** Lúcia Maria da Silva, Cláudia de Oliveira da Silva e Samuel Morais Silva; **Metodologia:** Lúcia Maria da Silva, Cláudia de Oliveira da Silva e Samuel Morais Silva; **Análise de dados:** Lúcia Maria da Silva, Cláudia de Oliveira da Silva e Samuel Morais Silva; **Discussão dos resultados:** Lúcia Maria da Silva, Cláudia de Oliveira da Silva e Samuel Morais Silva; **Conclusão ou Considerações finais:** Lúcia Maria da Silva, Cláudia de Oliveira da Silva e Samuel Morais Silva; **Referências:** Lúcia Maria da Silva, Cláudia de Oliveira da Silva e Samuel Morais Silva; **Revisão do manuscrito:** Lúcia Maria da Silva, Cláudia de Oliveira da Silva e Samuel Morais Silva; **Aprovação da versão final publicada:** Lúcia Maria da Silva, Cláudia de Oliveira da Silva e Samuel Morais Silva.

Direitos Autorais
Os direitos autorais são mantidos pelos autores, os quais concedem à Revista Poíesis Pedagógica os direitos exclusivos de primeira publicação. Os autores não serão remunerados pela publicação de trabalhos neste periódico. Os autores têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicado nesta revista (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial nesta revista. Os editores da Revista Poíesis Pedagógica têm o direito de realizar ajustes textuais e de adequação às normas da publicação.

Open Access
Este artigo é de acesso aberto (***Open Access***) e sem cobrança de taxas de submissão ou processamento de artigos dos autores (***Article Processing Charges – APCs***). O acesso aberto é um amplo movimento internacional que busca conceder acesso online gratuito e aberto a informações acadêmicas, como publicações e dados. Uma publicação é definida como 'acesso aberto' quando não existem barreiras financeiras, legais ou técnicas para acessá-la - ou seja, quando qualquer pessoa pode ler, baixar, copiar, distribuir, imprimir, pesquisar ou usá-la na educação ou de qualquer outra forma dentro dos acordos legais.

Licença de uso
Este artigo é licenciado sob a Licença **Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0)**. Esta licença permite compartilhar, copiar, redistribuir o artigo em qualquer meio ou formato. Além disso, permite adaptar, remixar, transformar e construir sobre o material, desde que seja atribuído o devido crédito de autoria e publicação inicial nesta revista.

Verificação de Similaridade
Este artigo foi submetido a uma verificação de similaridade utilizando o software de detecção de texto **iThenticate** da Turnitin, através do serviço ***Similarity Check*** da Crossref.

Processo de avaliação
Revisão por pares duplo-cega (***Double blind peer review***).

Editora
Cláudia Tavares do Amaral

Fomento
O artigo foi editado, diagramado e publicado com o apoio do auxílio financeiro concedido pela **FAPEG Edital nº 10/2023** – Programa de Apoio a Periódicos Científicos de Instituições de Ensino Superior do Estado de Goiás.

Publisher
Este artigo foi Publicado na **Revista Poíesis Pedagógica** vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da **Universidade Federal de Catalão - UFCAT**. A Revista Poíesis Pedagógica publica artigos de natureza técnico-científica, provenientes de estudos e pesquisas que ofereçam subsídios para o desenvolvimento do conhecimento educacional, propiciando um diálogo entre os diferentes campos da educação no Portal de Periódicos da UFCAT. As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião do corpo editoral ou da referida universidade. Na **Avaliação CAPES (2017-2020)** a Revista Poíesis Pedagógica obteve **Qualis B1.**